

Euclides da Cunha e Autran Dourado, sem bromélias nem juremas

Maria Consuelo Cunha Campos | UERJ

Resumo: Estudo comparativo entre Os sertões de Euclides da Cunha e o romance Monte da alegria, de Autran Dourado.

Palavras-chave: identidade, misticismo, formação.

Explicação necessária

Em artigo intitulado “Notícia sobre cem anos de ficção canadiana”,¹ Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, por ocasião de outro centenário – o do início da Guerra de Canudos, o episódio histórico tematizado na agora também centenária obra de Euclides da Cunha, *Os sertões* –, focalizou o papel de matriz geradora, na memorialística e na literatura, desempenhado pelo livro de 1902.

A partir desta perspectiva, ela enfoca, entre outros, um romance sobre Canudos – *As meninas do Belo Monte* –, de 1993, de Júlio José Chiavenato. Nele, uma personagem masculina anônima e sem história parece alcançar seu

1. GUTIERREZ, 1996. p. 9-21.

alter ego, Josefa, através de plantas alucinógenas, bromélias e juremas. Josefa seria uma sobrevivente (ficcional) – menina, à época do episódio de Canudos –, através de cujo ponto de vista se desenvolve, no romance de Chiavenato, o plano narrativo do tempo de Belo Monte.

Embora construída sem os efeitos ficcionais de bromélias e juremas, a perspectiva ensaística do presente trabalho, por ocasião do centenário de publicação da obra de Euclides, também é a da alteridade, na relação intertextual entre uma matriz geradora e obra(s) por ela possibilitada(s).

Monte da Alegria, Monte Santo

Voltado para a contemporaneidade das questões identitárias presentes na obra euclidiana, logo incorporada ao cânone brasileiro, tais como aquelas atinentes a gêneros, etnias, classes sociais e culturas, este trabalho, à luz do comparativismo e dos Estudos Culturais, procura focalizar as relações entre *Os sertões* e um romance do escritor mineiro Autran Dourado – outro autor canônico, internacionalmente premiado, com obras traduzidas para diversos idiomas –, intitulado *Monte da alegria*.

Publicado em 1990, antes, portanto, do romance de Chiavenato, o livro de Autran Dourado provavelmente passou despercebido por Gutiérrez, que não o incluiu em seu *corpus*.

A ação narrativa passa-se no Sul de Minas, perto de Duas Pontes – a cidade mítica da obra do romancista mineiro.

Irmão Francisco, o Santinho, e as irmãs Marta e Maria, pecadoras arrependidas, esmolam para arrecadarem fundos para a construção de uma ermida. Ante a oposição manifestada pela autoridade religiosa, irrompe a luta armada, pontuada por alusões aos combates entre forças do governo e movimentos de cunho religioso no sertão.

Situada no tempo de uma famosa personagem de Autran Dourado – Lucas Procópio Honório Cota – da saga de Duas Pontes, a ação narrativa de *Monte da alegria* vai apropriar-se, em perspectiva pós-moderna, de diferentes instâncias do mito do santo guerreiro.

Lembremos, por exemplo, o internacional (e sincretizado) São Jorge, o rei D. Sebastião de Portugal, bem como elementos contextuais de episódios históricos brasileiros, como os de Canudos e Pedra Bonita.

A eles, são agregadas figuras nas quais se descobrem traços da ambigüidade de gênero, à maneira da Diadorim da ficção rosiana ou da Joana D'Arc da hagiografia católica e da história francesa, como a de uma das beatas, Marta, transformada numa espécie de “amazona apostólica de grande valentia”.²

Nesta, como em outras de suas obras, Autran Dourado reescreve-se, no sentido de que, por exemplo, retoma expressões suas, como bateias e grupiarias do ouro que silenciam, já inseridas em *Os sinos da agonia*, para indicar a época da decadência que se segue ao esgotamento do ciclo econômico, ao final do período colonial.

O “sertão do couro e dos verdes e nascentes cafezais do Sul”³ sucede, no “grande país das Gerais”⁴, ao das minas de diamantes e das grupiarias do ouro. Esta migração interna é que trouxe à mítica Duas Pontes a trindade ficcional composta pelo irmão Francisco e pelas devotas seguidoras gêmeas, Marta e Maria.

Eremita à margem de ordens monásticas, a personagem de Autran Dourado é representada como mais uma entre muitas que “palmilhavam as trilhas, veredas e estradas que cortavam o chão das Minas Gerais, semeando capelas, casas de recolhimento e hospícios – assim se chamavam as hospedarias religiosas.”⁵

No texto, multiplicam-se os símiles: ora novo São José, fugindo de Belém, ora Cristóvão Colombo sonhando, com suas caravelas, com o Novo Mundo, o irmão Francisco devaneia construir, no alto do Monte da Alegria, sua ermida dedicada a Nossa Senhora do Carmo, a que se seguiria a ereção de uma hospedaria para os devotos romeiros.

Figura mítica, de nome e passado envoltos em brumas, o irmão Francisco autraniano caracteriza-se por sua alteridade, no sentido de, identitariamente, haver-se tornado “outro homem”, nas suas palavras, modelado segundo a representação de São Francisco de Assis.

Tendo renegado a misteriosa identidade anterior, foi justapondo, à reconstrução identitária segundo este modelo hagiográfico de pregador itinerante, traços extraídos de representações de santos de diferentes épocas,

2. DOURADO, 1990, segunda orelha.

3. DOURADO, 1990. p. 1.

4. DOURADO, 1990. p. 1.

5. DOURADO, 1990. p. 2.

como, por exemplo, os anacoretas da Tebaida, do tempo dos padres do deserto e da tentação de Santo Antônio.

Elementos da cultura religiosa tradicional rural, como as salas de milagres e seus ex-votos, onde se justapõem cabeças, mãos, pés de cera a muletas abandonadas, povoam a obra do escritor mineiro. Ditos populares – “onde comem um, comem dois”⁶ – convivem com figuras modeladas sobre as bíblicas e antitéticas Marta e Maria: “Enquanto Marta tratava da comida, Maria ficava embevecida nas falas do irmão Francisco, mirando os seus olhos brilhosos, ardentes como duas brasas, quando ele lhe falava sobre o Reino.”⁷

A questão fundiária (que atravessa não só *Os sertões*, mas também a própria história brasileira, até hoje) está, igualmente, presente em *Monte da alegria*, através do oligarca e latifundiário major Feliciano Gonçalves de Sousa e da sua Fazenda do Sumidouro, “tão grande que passa pro lado de lá da divisa com a Província de São Paulo”.⁸

Errância e misticismo

Andejo por escolha, o irmão Francisco da lavra de Autran Dourado pertence à galeria literária universal das personagens errantes, peregrinas: nômade, sua permanência em cada lugar liga-se à sua missão de semeador de ermidas e hospedarias. Em *Duas Pontes*, é instado por uma personagem cabocla, de idade indefinida – Antônio Veras de Castro – a procurar o major Feliciano, latifundiário e mandão local, para que este doasse aos propósitos do beato um monte situado em suas terras.

A fama do poderoso, de ser “tão sovina que, quando se sentava no escuro tirava as calças para não gastar os fundilhos”, renunciaria dificuldades, que, todavia, não se confirmarão.

Apesar de crer no “ditado que diz padres, primos e pombos é que sujam a casa”,⁹ Feliciano cede aos rogos da esposa, Dona Augusta, em favor do irmão Francisco, não sem considerar, também, ser impróprio para plantio de

6. DOURADO, 1990. p. 8.

7. DOURADO, 1990. p. 7.

8. DOURADO, 1990. p. 9.

9. DOURADO, 1990. p. 16.

café aquele alto de monte pretendido pelo andarilho e ser tal liberalidade, de sua parte, credencial para uma cura divina, em favor da filha do casal, o que, de fato, sucede, consolidando a fama do milagreiro.

O romance de formação do irmão Francisco

Mediante o recurso do corte de plano narrativo, em *flash back*, a narrativa de Autran Dourado desloca-se do presente do beato para o passado em que este atendia pelo nome de Francisco Fernandes Coutinho, oriundo da classe senhorial enriquecida pelas lavras auríferas e diamantinas e depois decadente em função da exaustão deste ciclo econômico colonial.

Introduzindo uma espécie de micro Bildungsroman na narrativa maior do romance, nosso romancista contextualiza, no processo de formação histórica brasileira, o mecanismo de reprodução, em Francisco abortado, da classe hegemônica.

Privilégios de classe – como a preceptora francesa ilustrada formadora do eurocentrismo e do racismo nas crianças; o acesso ao conhecimento e aos níveis mais elevados de educação e de escolaridade; o consumo conspícuo de bens – são proporcionados pelo patriarca e senhor de escravos ao filho e herdeiro.

Decadência econômica familiar e crise mística pessoal encerram a juventude de Francisco. *Mutatis mutandis*, na narrativa de Dourado parafraseia-se, explicitamente, algo da própria hagiografia católica, no que diz respeito à biografia do “pobrezinho de Assis”,¹⁰ ele próprio um filho de família de altas posses que se despoja para viver em pobreza.

Na personagem de Autran, fundem-se a estes traços franciscanos da personagem os de Santo Antão, com suas famosas tentações carnis seguidas de disciplinas com cilícios, numa espécie de pancronismo ficcional, que leva o romancista brasileiro a recriar, no sul mineiro, ao tempo do final do 2º império e véspera da república, os tempos patrísticos históricos norte-africanos e o medievo europeu.

As personagens Marta e Maria, por sua vez, não apenas moldam-se pelas evangélicas irmãs homônimas de Lázaro, mas também agregam traços

10. DOURADO, 1990. p. 40.

de outra figura evangélica, a da prostituta arrependida, a Maria de Magdala transformada em discípula de Jesus.

Monte sagrado

Ao leitor de *Os sertões* – e, neste livro de Euclides, especialmente de “O Homem” – algo parece familiar, na narrativa de *Monte da alegria*, de Autran, em relação ao universo do Conselheiro.

Ecos de “Religião mestiça”,¹¹ com “todas as visualidades, todas as aparições fantásticas [...] e as romarias piedosas; e as missões; e as penitências”,¹² por exemplo, podem ser reconhecidos em suas páginas.

Na trajetória biográfica do escritor Autran Dourado, à cidade chamada Monte Santo (de Minas) caberia ser o *locus* de sua própria formação: natural de Patos de Minas, o romancista viveu, entretanto, e foi educado nesta outra pequena cidade do interior das Gerais, homônima do topônimo de *Os sertões*.

Em sua ficção, a Monte Santo mineira transmuda-se na mítica cidadezinha de Duas Pontes, numa nova *A comédia humana* brasileira.

Já Euclides via nos “evangelizadores e messias singulares”, que, intermitentemente, atravessam o sertão, “ascetas mortificados de flagícios”,¹³ uma recordação do messianismo sebastianista, da decadência portuguesa, transplantado à colônia e aí enraizado durante séculos.

O Monte Santo euclidiano é “um lugar lendário”,¹⁴ não somente paragem no caminho das cobiçadas minas de prata, mas também como texto de uma “caligrafia ciclópica”,¹⁵ uma vez que em um dos flancos do elevado “apareciam letras singulares.”¹⁶

Apolônio de Todi, missionário que o autor de *Os sertões* relata haver voltado de Maçacará como “maior apóstolo do Norte”,¹⁷ teria ficado tão

11. CUNHA, 2002. p. 237.

12. CUNHA, 2002. p. 239.

13. CUNHA, 2002. p. 239.

14. CUNHA, 2002. p. 245.

15. CUNHA, 2002. p. 245.

16. CUNHA, 2002. p. 245.

17. CUNHA, 2002. p. 247.

impressionado com o aspecto do elevado que viu nele semelhança com o Calvário bíblico, daí o intento de construção de uma capela e o nome dado ao monte.

Irônico, o narrador euclidiano encerra seu relato comentando: “vê-se que Apolônio de Todi [...] decifrou o segredo das grandes letras de pedra, descobrindo o el-dorado maravilhoso, a mina opulentíssima oculta no deserto”.¹⁸

“Como se faz um monstro” narra como, da morte simbólica que teria sido, para o futuro Conselheiro, a vergonha decorrente da fuga da esposa, “surgia na Bahia o anacoreta”¹⁹ sem destino.

Ao contrário deste Conselheiro euclidiano, por apodado “gnóstico bronco”,²⁰ e que não necessariamente corresponde à figura histórica em que se inspirou, o irmão Francisco ficcional, de Autran Dourado, é um letrado que freqüentara aula de latim, poética e retórica.

Ambos, todavia, enfrentam a reação a seus atos, por parte da igreja institucional.

Especificamente em *Monte da alegria*, esta reação procede de uma personagem episcopal, chamada D. Fernando, que, em “carta dura, vazada em termos imperativos”,²¹ ordena ao major Feliciano, que protegia o beato, a expulsão dele e discípulas de suas terras, por fanatismo e abuso, em relação aos santos canonizados. Como o latifundiário não dá mostras de querer fazê-lo, a narrativa de Dourado se desenvolve em dimensão de paródia aos trâmites burocráticos: procrastinar é a solução encontrada, de modo que nem um nem outro se saiam mal do episódio.

O mito da mulher guerreira

É no episódio narrativo da transmutação da personagem Marta, uma das duas ex-prostitutas irmãs que seguem o beato e que se dedicava a dirigir as mulheres da cozinha e a cuidar dos feridos durante a guerra, em amante do major e amazona guerreira, que se instaura, no romance do escritor mineiro, a atualização parodística do mito da mulher guerreira.

18. CUNHA, 2002. p. 247.

19. CUNHA, 2002. p. 266.

20. CUNHA, 2002. p. 255.

21. DOURADO, 1990. p. 117.

Fundindo traços de Maria Quitéria a elementos da biografia de Anita Garibaldi, Dourado produz uma personagem na qual convive, ainda, o guerreiro fantasma, aparecendo e desaparecendo misteriosamente, em curiosa versão do tema do pactário, que tem o corpo fechado por conta destas artes do mal.

A ambigüidade de gênero que atravessa a ação de Marta, mulher ardente e combatente viril, aproxima-a tanto, por um lado, de heróis lendários da cavalaria medieval e da figura mítica do rei D. Sebastião, desaparecido precocemente em combate quanto, por outro lado, da figura histórica, já referida, de Joana D'Arc, bem como da Diadorim literária, rosiana. Igualmente mencionada.

Aprofundando a paródia, o romancista transpõe, para o jornal A Província de Minas, do Ouro Preto, as matérias que o correspondente de guerra Euclides da Cunha efetivamente escreveu para o Estado de São Paulo, projetando nacionalmente o episódio que ocorria no sertão baiano de Canudos: ao jornalista misterioso ficcional, Dourado atribui a criação de uma figura mítica, o “maligno Guerreiro Fantasma”.²²

À frente das tropas do governo imperial – recuando, assim, ficcionalmente, o combate que, do ponto de vista histórico ocorrera, de fato, nos primeiros anos da República – o romancista coloca um coronel homônimo do jornalista e autor de *Os sertões*, Euclides. Por sobrenome Bandeira de Menezes, esta personagem autraniana é um “experiente e bravo militar que se destacara na Guerra do Paraguai”.²³

A paródia, em *Monte da alegria*, não visa, porém, apenas à campanha histórica de Canudos, tal como narrada no livro seminal de Euclides da Cunha. A partir deste *background* religioso local, a paródia espraia-se por território mais amplo, inserindo-se na seara do fundamentalismo religioso.

O major Feliciano determina que alguns poucos fugitivos, do cerco aos governistas, não sejam impedidos de escapar, unicamente para que levem a seus superiores a mensagem de que o irmão Francisco é o profeta do Deus único, sincretizando com um traço de jihad islâmica o fenômeno messiânico cristão de Duas Pontes.

Descontextualizado, tal traço pareceria, à primeira vista, extemporâneo, uma vez que nada figuraria estar mais distante, historicamente, de Canudos. Entretanto, à escrita do próprio Euclides não escapou, em sua “Hégira

22. DOURADO, 1990. p. 131.

23. DOURADO, 1990. p. 132.

do sertão”,²⁴ tal aproximação e ele refere o acompanhamento, pelos crentes, uma vez posta em fuga a tropa que viera combatê-los, à hégira do profeta.

O romance publicado em 1990, em plena globalização neoliberal, quando era formada a primeira coligação guerreira desta era, comandada pelos Estados Unidos, para combater o Iraque na chamada guerra do Golfo, antes que se disseminasse pelo mundo o conceito hundingtoniano de choque de civilizações,²⁵ mostra um Autran Dourado reescrevendo ficcional e parodisticamente um episódio brasileiro, como a guerra de Canudos, com elementos de desvelamento crítico da ideologia fin-de-siècle de um Império globalizado.

Ao parodiar a escrita euclidiana sobre Canudos, Dourado vai além de Canudos e de Euclides, pois os relê com olhos de leitor escritor de fim do século 20.

Um novo Jeremoabo e a desconstrução do medo

Graças à pesquisa de Consuelo Novais Sampaio, uma pequena parte – 70 cartas apenas – do arquivo privado do Barão de Jeremoabo, precisamente o conjunto referente àquelas por ele recebidas nos anos da campanha do sertão baiano, foi disponibilizada à leitura, sob o título *Canudos Cartas para o Barão*, em 1999.²⁶

Através desta correspondência passiva, é possível avaliar, de um modo mais preciso, o pensamento da classe dominante local, bem como da sociedade sertaneja, em geral. No ensaio da própria pesquisadora, integrante do volume, é levantada a tese de que o medo que destruiu Canudos foi um temor construído por este andar de cima da sociedade, de modo a legitimar o aniquilamento do adversário pertencente à camada popular.

Todos os numerosos *links* da rede de relações política e socialmente hegemônicas, os numerosos meandros da tessitura complexa dos favores, são escancarados aí, na intimidade dos colóquios: a vontade de poder, o desejo de

24. CUNHA, 2002. p. 285.

25. O polêmico livro do diretor de Planejamento de Segurança do Conselho de Segurança Nacional do governo Carter, intitulado *The clash of civilizations and the remaking of world order*, lançado em 1996 nos Estados Unidos e no ano seguinte no Brasil.

26. SAMPAIO, 1999. 226 p.

colocar em postos estratégicos da república os parentes, os aliados, os amigos, são explicitados, por escrito, numa promiscuidade entre o interesse privado, inclusive em nível doméstico, e a coisa pública.

Obséquios, compadrios alternam-se com representações estereotipadas de Antônio Conselheiro e dos conselheiristas. A desqualificação do líder de Canudos através de um discurso abertamente – pois que entre pares – preconceituoso de raça e classe social perpassa a correspondência recebida pelo barão.

O êxodo de miseráveis para Canudos, seu aspecto de utopia, na ótica dos vários segmentos da elite (tais como políticos, hierarcas eclesiásticos, latifundiários) é referido, num crescente cronológico, à medida que o episódio se militariza, num tom que faz lembrar o das catilinárias romanas. Um *delenda Canudos* entretanto nunca explicitamente escrito subjaz como anseio desses missivistas, mal oculto ou disfarçado por amenidades, narrativas de privilégios de classe e protestos de servilismo.

Em 22 de janeiro de 1896, o capelão Vicente Martins, depois de alertar sobre o perigo para as elites representado pelo Conselheiro, desmancha-se em agradecimentos ao barão, por tê-lo protegido em ocasião difícil. Vejam-se, como exemplos, respectivamente, os trechos:

- a) “É preciso que V. Exa. se convença de que o Antônio Conselheiro não é mais o homem de ontem”;²⁷
- b) (...) “aproveito a ocasião para dizer a V. Exa que em minha vida pública, nas perseguições que moveram contra mim, o protetor, o amigo dedicado, o pai extremecidíssimo (sic) que encontrei foi o Exmo. Sr. barão de Jeremoabo, razão que me leva a ser-lhe eternamente agradecido.”²⁸

Repetindo, à maneira de um bordão, a expressão “não sabemos onde irá parar isto”,²⁹ até o arrasamento final de Canudos – comemorado pelos missivistas – bem como a morte do Conselheiro, o tom temeroso das cartas súbito se transmuda em júbilo e em alívio, acompanhado de expressões reivindicatórias de indenizações por bens destruídos e lucros cessantes em decorrência do conflito.

27. SAMPAIO, 1999. p. 115.

28. SAMPAIO, 1999. p. 115.

29. SAMPAIO, 1999. p. 131, 150, 158.

Se, cem anos depois da publicação do livro de Euclides, as elites continuam temendo e reprimindo os movimentos populares e a questão fundiária continua produzindo massacres, nesses tempos de comunicação eletrônica e de toda sorte de telecomunicações, já não se escrevem mais cartas como as escritas para o barão de Jeremoabo: a satanização dos líderes populares não passa mais pelas missivas de correligionários e agregados dos poderosos, quando ela tem não apenas a mídia impressa de que passavam então a dispor os correspondentes de guerra de cem anos atrás para a publicação de suas matérias jornalísticas escritas no calor da hora mas também de toda sorte de veículos.

É notável constatar a fecundidade da obra euclidiana na cultura da contemporaneidade, pois ela persiste, não somente na paródia autraniana de *Monte da alegria*, mas também, por exemplo, noutros romances brasileiros como *A casca da serpente*, de J. J. Veiga e o já referido *As meninas de Belo Monte*, de Júlio José Chiavenato, ambos estudados por Angela de Gutiérrez, em sua “Notícia sobre cem anos de ficção canudiana.”

Abstract: A comparative approach of Euclides da Cunha's Os sertões and Autran Dourado's novel Monte da alegria.

Key words: mysticism, identity.

R e f e r ê n c i a s B i b l i o g r á f i c a s

ALMEIDA, Angela Mendes de, et al. (Org.). *Os sertões, desertos e espaços incivilizados*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2001.

CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio Wolf de (Org.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 2001.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Campanha de Canudos. (Ed., pref., cron., notas e índ. Leopoldo M. Bernucci). São Paulo: Ateliê Editorial/Imprensa Oficial do Estado/Arquivo do Estado, 2002.

DOURADO, Autran. *Monte da alegria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

GUTIÉRREZ, Angela Maria Rossas Mota de. Notícia sobre cem anos de ficção canudiana. *Revista Canudos*, v. 1, n. 1, Salvador, Universidade do Estado da Bahia, jul./dez. 1996.

MENEZES, E. D. B. de; ARRUDA, João (Org.). *Canudos*. As falas e os olhares. Fortaleza: Edições UFC, 1995.

NETO, J. A. V. S. et al. *Canudos*. Subsídios para a sua reavaliação histórica. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Monteiro Aranha, 1986.

NETO, Manoel; DANTAS, Roberto. *Os intelectuais e Canudos*: o discurso contemporâneo. História oral temática. Salvador: UNEB, 2001.

SAMPAIO, Consuelo Novais (Org.). *Canudos*. Cartas para o barão. São Paulo: Edusp, 1999.